

Autor: Castro

Sobre a capacidade de “ser maravilhoso, de uma maneira repulsiva”: o jornalismo enquanto vocação influenciadora



O acachapante vazamento de informações sobre conversas envolvendo o atual ministro da Justiça do Brasil Sérgio Moro – quando ainda era juiz e conduzia o julgamento controverso do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva – trouxe à tona uma discussão emergencial sobre a deontologia jornalística. Em períodos de crise, sitiamento da liberdade de expressão ou intensa batalha ideológica, convém servir-se noticiosamente de dados obtidos de maneira ilegal?

Como se sabe, as referidas conversas, que servem de base a uma série de reportagens conduzidas pelo jornalista investigativo Glenn Greenwald, foram adquiridas através de uma fonte anônima, possivelmente um ‘hacker’, o que leva os defensores do ministro a uma deturpada defesa da voluntariedade na entrega das informações. Porém, foi justamente este ministro quem autorizou a publicização midiática de telefonemas íntimos de políticos sob investigação, quando ele ainda era juiz. Dentre os expostos indevidamente, estavam a então presidenta da República Dilma Rousseff. Tem-se aí um caso evidente de parcialidade dos meios, popularmente conhecida como “dois pesos, duas medidas”? Para o jornalismo denunciante, não foi sempre assim?

Data de Publicação: 17-06-2019